

A cidade e a guerra: a campanha de mobilização e o cotidiano de Fortaleza durante a Guerra de 1932

Raimundo Helio Lopes¹

Resumo:

Este artigo procura analisar as ações de mobilização na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, durante a Guerra de 1932. Nos dias de conflito, nesta cidade houve uma forte campanha de mobilização para estimular a participação da população na guerra. Esta campanha teve diversos articuladores, como a Interventoria local, Igreja Católica cearense, setores significativos da imprensa, vários cidadãos sensibilizados com a defesa do Governo Vargas, além de diversos grupos civis, militares e políticos. Destacaram-se, como estratégias significativas presentes em Fortaleza, meetings, passeatas, campanhas de arrecadação de dinheiro para os soldados, intensa campanha nos jornais fortalezenses e desfiles públicos.

Palavras-chave: cidade de Fortaleza, Governo Vargas, Guerra de 1932, mobilização.

Abstract:

This article attempts to analyze what happened in the city of Fortaleza, the capital of the state of Ceará, during the War of 1932. During the conflict, the city saw a strong campaign to mobilize the population to participate in the war effort. This campaign had several articulators, such as the "Interventor", the Catholic Church, significant sectors of the press, several people that moved into the defense of the Vargas government, plus various civil, military and political groups. Several strategies to organize this mobilization were significant in Fortaleza, such as meetings, marches, campaigns to collect money for soldiers, intense newspaper campaigning and public parades.

¹ Universidade Federal do Ceará.

4 A cidade e a guerra: a campanha de mobilização e o cotidiano de Fortaleza durante a Guerra de 1932

I

Há vasta bibliografia que aborda o conflito armado conhecido como Revolução Constitucionalista de 32. A maior parte dessas obras tem como eixo principal de análise os aspectos ligados ao Estado de São Paulo (De PAULA, 1998: 29), tido como grande “sujeito” promotor da guerra e campo dos principais desdobramentos e acontecimentos relacionados a ela. Acreditando em outras possibilidades de olhar esse conflito e a fim de entendê-lo a partir de outras perspectivas, buscamos estudar essa guerra civil tirando o foco de São Paulo e concentrando a análise no Estado do Ceará, averiguando o impacto da guerra neste Estado e as diversas relações estabelecidas e construídas com a população local.

Nesse sentido, é importante destacar que a terminologia para designar esse conflito muda de acordo com a corrente que o interpreta, sendo construídas, assim, diversas denominações como “A guerra paulista”, “Movimento constitucionalista”, “Revolução de 1932”, “Epopéia Bandeirante” ou até mesmo “Contra revolução de São Paulo” (De PAULA, 1998: 23). Acreditamos que esses nomes estão impregnados de sentidos políticos que margeiam as análises ou são pensados dentro de concepções sobre a guerra que destacam exclusivamente São Paulo. Procurando fugir disso, e analisando-a a partir de outro ângulo, preferimos denominá-la Guerra de 1932.

A Guerra de 1932 foi o maior movimento de oposição ao governo de Getúlio Vargas, assim como um conflito bélico de enormes proporções ocorrido dentro do território nacional, elementos de relevância para entender o impacto que teve no cenário político brasileiro. Mesmo tendo o palco bélico praticamente limitado a São Paulo, todo o país foi convocado a participar, reafirmando o apoio ao ainda recente Governo Provisório tanto quanto enviando soldados ao combate, fossem esses efetivos militares ou forças irregulares (HILTON, 1982).

Analisando o Estado do Ceará durante o conflito², além do envio de tropas, constatamos intensas discussões e campanhas políticas sobre a Guerra de 1932 que buscavam angariar apoio para a luta ao lado do Palácio do Catete. Essa complexa teia de apoio pode ser percebida a partir das diversas pessoas que atuaram na sua construção. Além das instâncias governamentais envolvidas com o conflito, como a Interventoria cearense, tendo à frente Roberto Carneiro de Mendonça, vários sujeitos e grupos sociais articularam ações que procuraram legitimar a guerra, tendo como base o significado da “Revolução de 30” para a nação, em contraposição às primeiras décadas republicanas, justamente entendidas como o período no qual os revoltosos de então controlavam a política nacional. Assim, se a chegada de Vargas propunha uma nova República que beneficiaria o Norte, nada mais urgente que o posicionamento favorável junto ao lado federal (SOUZA, 1982) (PANDOLFI, 1980).

² As relações entre o Ceará e a Guerra de 1932 foram analisadas na pesquisa que desenvolvi durante o mestrado: LOPES, Raimundo Helio. Os Batalhões Provisórios: legitimação, mobilização e alistamento para uma guerra nacional. (Ceará, 1932). Dissertação de Mestrado. UFC, 2009.

Concomitante a este intenso debate político que legitimava a luta contra os insurgentes, os dias de conflito eram vividos em Fortaleza³ não pelas trincheiras ou bombas inimigas, mas nas diversas manifestações que buscavam mobilizar a população, aproximando-a da Guerra de 1932 e alertando-a para as ações rivais. Havia um conflito nacional e a população não poderia esquecer que sem a sua participação, mesmo sem partir para o *front*, a vitória seria mais difícil e distante.

II

Desde o início da Guerra de 1932, ficou claro para o Governo Provisório que a forma de apoio mais efetiva dos Estados do Norte seria o envio de batalhões provisórios. Para tanto, a busca por uma legitimação do combate contra os inimigos foi intensa, articulada por pessoas e setores políticos que apoiavam Getúlio Vargas e sua nova, e de certo modo ainda pouco definida, proposta de governo. Contudo, o envolvimento com a guerra não poderia ser restrito apenas aos aliados e ao Exército. A situação era de guerra e toda a população deveria se envolver na causa revolucionária, até mesmo os que não partiriam para o *front* de batalhas:

Encorporados ao 2 Batalhão Provisorio do Ceará para combater aos sediciosos paulistas, temos a satisfação de apresentar ao Povo Cearense, principalmente aos nossos amigos, as nossas despedidas, no momento em que encetamos a marcha contra os inimigos do Brasil. Resolvidos a oferecer à Patria, por sua integridade, o maximo de nossas energias, senão a propria vida, lamentamos que não estejam ao nosso lado todos os camaradas moços que ficam, embora estejamos certos de que nenhum cearense deixará de contribuir para que esta terra pague em parte os benefícios recebidos daqueles que dirigem a nação no momento atual.⁴

A proclamação acima foi assinada por 3^{os} sargentos ligados a um dos batalhões provisórios cearenses que partiram para a luta em São Paulo⁵ e tinha como título o mesmo público ao qual era destinada: “Aos que ficam”. É notório que para os construtores da defesa

³ Vale destacar que toda a região Norte do Brasil, entendida, nesse momento, pelos estados de Amazonas, Pará, Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Espírito Santo, foi fortemente mobilizada e envolvida na Guerra de 1932. Para este artigo, a análise se concentrará em Fortaleza, visto a pesquisa que desenvolvi para o curso de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará. Sobre o envolvimento desses outros estados ver: PANDOLFI, Dulce. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In: GOMES, Angela de Castro (org.). Regionalismo e Centralização política: partidos e Constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980 e HILTON, Stanley. A Guerra civil brasileira: história da Revolução Constitucionalista de 1932. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

⁴ Jornal O Povo, 09 de setembro de 1932.

⁵ Saíram do Ceará seis tropas, sendo duas delas escalões oficiais do 23^o Batalhões de Caçadores (23^o B.C.) e quatro compostas por alistamentos voluntários.

do Governo Vargas, além do embarque de tropas para a luta armada, era necessário o apoio da população à causa governista. Dessa forma, concomitantemente ao processo fervoroso de legitimação da Guerra de 1932, várias manifestações que buscavam mobilizar a população para a guerra foram produzidas pelo governo e seus apoiadores. Esta mobilização visava construir um ambiente de beligerância no Estado e na sua capital Fortaleza, em que todos deveriam estar a postos para defender o Governo Provisório, mesmo que sem partir para o combate.⁶ Buscava-se assim consolidar o apoio e conquistar aliados que, sem dúvidas, deveriam ser mais numerosos que os alistados nas tropas. Ao mesmo tempo em que a campanha de mobilização ganhava força, alimentavam-se cada vez mais as fileiras de alistamento.

Muitas cidades interioranas do Ceará tiveram intensas ações de mobilização, mas a capital cearense foi o centro de toda a articulação e organização governamental. Em Fortaleza, o impacto da guerra e as manifestações de mobilização foram de grandes proporções. Durante três dias, a Praça do Ferreira, uma das mais importantes áreas públicas do centro da cidade, foi palco de comícios a favor do Governo Provisório. O primeiro deles iniciou-se às 22 horas do dia 19 de julho e teve como principal articulador o professor do Colégio Militar Tenente-Coronel Humberto Pimentel, que discursou para os presentes. No dia seguinte, os jornais já estampavam o convite para o novo evento.⁷ Assim, a partir da sete da noite, já era visível a aglomeração das pessoas no local marcado, tendo a atividade se iniciado com o mesmo articulador do dia anterior:

O orador terminou convidando o povo para ir ao palacio do governo manifestar a sua integral solidariedade ao exmo. sr. Interventor Federal nesse momento de grande proações para a patria brasileira. A massa popular dirigiu se, em seguida, para a Praça General Tiburcio, aparecendo nesse momento, em uma das janelas do palacio, o exmo. sr. Carneiro de Mendonça, que foi muito aclamado, ouvindo-se também, vivas unisomos aos nomes dos drs. Getulio Vargas e José Americo. Ali falou novamente o sr. tenente-coronel Humberto Pimentel, que após uma rapida digressão sobre o movimento rebelionario de S. Paulo explicou ao chefe do governo cearense o que significava aquela manifestação. Entre calorosas salvas de palmas o exmo. sr.

⁶ Analisando a mobilização e o cotidiano da cidade de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial, Roney Cytrynowicz defende a idéia de front interno: “Não se trata apenas de oferecer toda a retaguarda e a infra-estrutura econômica e militar para os exércitos, mas de se preparar militarmente para bombardeios contra alvos claramente civis e, essencialmente, de manter todas as esferas da vida privada e pública em permanente estado de mobilização a serviço do Estado, submetidas a uma lógica e a um controle que escapavam inteiramente à compreensão do indivíduo.” Cytrynowicz, Roney. Guerra sem guerra: mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 15. Nesse estudo, o autor argumenta sobre a importância da participação da população no momento de guerra, e como o Estado atua para conseguir esse objetivo. Durante períodos de guerra, o cotidiano das cidades envolvidas no conflito alterava-se, a partir da atuação de diversos setores sociais que dialogavam com essas ações.

⁷ Jornal O Nordeste, 20 de julho de 1932.

capitão Carneiro de Mendonça, agradeceu aquela prova de solidariedade do povo cearense, pronunciando incisiva oração sobre os acontecimentos verificados ultimamente no sul do país.⁸

No dia 22 de julho, outro comício foi anunciado à população, que era convidada a participar “com o máximo respeito durante esta manifestação”. Neste discursaram, além do militar-professor articulador dos eventos, jovens e representantes de Iguatu e Quixeramobim.⁹ Esses eventos públicos marcaram a paisagem urbana fortalezense durante a Guerra de 1932, construindo um clima de guerra que se propagava, levando o conflito, os inimigos, os medos e as esperanças relacionados à luta armada para perto da população cearense.

Essas não foram as únicas ações e agentes envolvidos na mobilização. A Igreja Católica atuou nesse processo, reforçado o envolvimento dos fiéis com a guerra. Em uma proclamação assinada pelo Arcebispo de Fortaleza, D. Manoel da Silva Gomes, além de deixar clara sua crítica ao mundo cada vez menos cristão, determinou, “a exemplo do que fez o Exmo. Snr. Cardeal para a sua Archidiocese”¹⁰, um tríduo pela paz, que em Fortaleza realizou-se entre os dias 12, 13 e 14 de agosto. Além das orações nas matrizes, igrejas, capelas e colégios cristãos, nesses três dias de grande fervor religioso, o respeitado clérigo determinou algumas medidas ligadas à luta em que o Ceará estava envolvido.

A primeira delas foi uma procissão, em que ele próprio convocou “todas as associações operarias, Ordem Terceira, Congregações Marianas masculinas, União de Moços Catholicos, Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cathedral, Conferencias Vicentinas e mais associações religiosas masculinas” para participarem da procissão de penitência, composta só de homens, encarada como uma “tocante manifestação piedosa”.¹¹ Apesar da exigência da participação exclusiva de homens nessa grande manifestação contra a guerra, a força do pedido do Arcebispo não pode ser minimizada, sendo plausível imaginarmos que a grande maioria dos católicos ficou sabendo claramente de suas medidas oficiais sobre o conflito e do seu posicionamento diante do momento político. Pela amplitude do catolicismo no Estado, e no Brasil, é possível perceber o peso e a importância desse aliado.¹² Nesse sentido, a Associação das Senhoras de Caridade convocava para a sua reunião ordinária, mas não deixava de alertar que, além da pauta normal, também discutiriam para “tomarem parte no Tríduo pela paz no nosso Brasil (...) em seguida à reunião”.¹³ Assim, voltando à procissão:

Constituiu cerimonia innegavelmente majestosa a grande procissão

⁸ Jornal O Povo, 21 de julho de 1932.

⁹ Jornal O Nordeste, 22 de julho de 1932.

¹⁰ Jornal O Nordeste, 06 de agosto de 1932.

¹¹ Jornal O Nordeste, 12 de agosto de 1932.

¹² Sobre as ligações entre a Igreja Católica e o Governo Vargas ver LEVINE, Robert. Pai dos pobres? O Brasil na era Vargas. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. pp. 61-62.

¹³ Jornal O Nordeste, 10 de agosto de 1932.

de penitencia pelo Brasil (...). Não só a enorme e compacta multidão de homens que nella tomou parte, mas, sobretudo, os sentimentos do mais alto respeito e convicção religiosa que todos demonstraram deixou Fortaleza sob a impressão de que, realmente, Nosso Senhor terá piedade do Brasil, sob o penhor da crença penitente dos nossos homens, em favor da Nação. (...) Extendia-se o cortejo da porta da Cathedral pela rua Castro e Silva a fóra, numa reunião de milhares de homens de todas as classes sociaes, de cujos peitos una voce, irrompeu a intonação grave e commovente do “Senhor Deus, misericórdia!” Fechando o prestito, vinha o exmo. e revdmo. sr. Arcebispo Metropolitano, dom Manuel da Silva Gomes, acompanhado por membros do clero e autoridades, entre as quaes, conseguimos anotar o major Francisco Ribeiro Montenegro, representando o sr. Interventor Federal; dr. Francisco Matos, procurador geral da Republica; desembargadores Pedro Paulo da Silva Moura, presidente do Superior Tribunal de Justiça, e Abner de Vasconcellos, procurador geral do Estado; dr. Ubirajara Coelho de Negreiros, e sr. Franklin Gondim, delegados da capital; dr. Bernardo Café Filho, director regional dos Correios e Telegraphos e outros. O prestito movimentou-se pela rua Castro e Silva, tomando pela Senador Pompeu e encaminhando-se para a Praça José de Alencar, onde, em frente à matriz do Patrocinio, assistiram os penitentes à benção do S. S. Sacramento. A seguir contornou a procissão a referida praça adeantando-se pela rua 24 de Maio até encontrar o boul. [boulevard] Duque de Caxias e surgir na Praça Gonçalves Ledo, em frente à matriz do Carmo. (...) Dispersou-se, ahi o grandioso prestito, podendo-se, então, mais bem avaliar o incomputavel numero dos homens de Fortaleza que nella tomaram parte, pedindo a Nosso Senhor pela paz do Brasil.¹⁴

Nessa longa citação, há muitos elementos interessantes sobre a mobilização em Fortaleza. A manifestação articulada no seio católico congregou intimamente aspectos religiosos e cívicos, tendo na oração e na penitência armas para combater o mal, ou seja, a guerra. Juntamente com várias organizações religiosas e de trabalhadores, estavam presentes importantes autoridades civis, militares, jurídicas e políticas, ao lado do maior líder católico do Estado, o Arcebispo. Esta significativa imagem simbolizava a íntima ligação desses poderes, que estavam unidos em prol da luta contra o inimigo político e pela paz. Além disso, o clero cearense entendia que esse momento conturbado era favorável para reafirmar seus valores junto à sociedade e consolidar seu prestígio junto ao novo governo. Vale notar também que a manifestação deveria ser exclusiva de homens, possivelmente futuros soldados da defesa política e da fé católica. Esse movimento político-religioso, também como sinal de prestígio, tomou a cidade caminhando nas principais ruas, praças e igrejas, convidando a população a participar do momento que tanto atormentava o país, alastrando pelas vias públicas a força cearense na defesa do Governo Provisório.

Outra medida do Arcebispo, ligada ao tríduo e declarada juntamente com a procissão, passou a agitar a cidade todas as noites, mais uma vez tendo a guerra como mote,

¹⁴ Jornal O Nordeste, 16 de agosto de 1932.

construindo uma atmosfera favorável à defesa e ao combate. A partir do dia 17 de agosto, a imprensa católica publicou, diariamente, a seguinte nota:

Enquanto perdurar a luta armada no Sul, os sinos da capital, todos os dias, às 19 horas, tocarão nove badaladas, em grupos de três, para lembrar aos fieis, a S. S. Trindade e convidá-los a orar a Deus Trino e Uno, pedindo misericórdia para o Brasil. Todos, mesmo os que não praticam a religião, mas são brasileiros e crêem em Deus devem guardar silencio profundo durante esse toque, si não de alarma, pelo menos de sentido e atenção ao que se está passando em nossa pátria.¹⁵

Com essa medida, todos os dias, a população de Fortaleza era convidada a pensar sobre a guerra a partir das badaladas dos sinos que ecoavam pela cidade. Nessa proclamação, os ideais políticos e patrióticos superavam a doutrinação religiosa, já que a Igreja pedia a atenção de todos e não apenas a seus fiéis. A estes clamavam orações pela paz, enquanto dos não católicos esperava-se que, mesmo sem rezar, refletissem sobre a luta. A Igreja Católica e a Interventoria estavam unidas e envolvidas na defesa da nação, promovendo em toda a cidade manifestações que estimulavam a participação da população no conflito. A determinação do tríduo mostra uma ação planejada e executada fora da liturgia comum da Igreja para envolver-se com as questões políticas nacionais que estavam presentes no Estado, pois a outorga desse tríduo, sem dúvidas, estava mais relacionada ao contexto político do que ao calendário religioso. Tanta para o Clero cearense como para a Interventoria, a guerra era assunto de todos e sem o envolvimento da população a vitória não seria alcançada.

Concomitante a essas manifestações, os batalhões provisórios também motivaram outras pessoas a organizarem ações de apoio, já que o seu embarque consolidava a forma mais direta e concreta de envolvimento cearense na defesa do Governo Provisório. Um comerciante da cidade, José Julio Barbosa, com o objetivo de ajudar as forças cearenses, doou “ao Batalhão Provisorio que hontem partiu para o sul, varios pacotes do pó limpa metaes ‘Itá-Irá’, com o emprego do qual, os nossos soldados farão reluzir as suas armas”.¹⁶ Tal atitude revela o envolvimento do comerciante com as forças locais, fazendo ele próprio uma doação que visava auxiliar as tropas em luta. Mesmo assim, pode-se pensar que tal ato pode ter sido também motivado por interesses financeiros, já que o seu nome e do

¹⁵ Jornal O Nordeste, 17 de agosto de 1932. No dia 26 de julho, o jornal O Povo publicou uma nota, datada de 19 de julho, com “Novas instruções do Cardeal D. Sebastião Leme aos fieis” em que “Além das costumadas AVES MARIAS, os sinos das igrejas, às 21 horas, darão, todas as noites, nove badaladas compassadas, como um convite a todos os homens de fé onde quer que se achem, para que durante alguns instantes se recolham em oração pelos que, longe da familia, estão sofrendo os horrores e perigos da guerra”. A partir de 15 de Setembro, o Governo Arquidiocesano informava que as badaladas foram transferidas para as 21 horas “para acompanhar a hora da paz estabelecida em outras dioceses”.

¹⁶ Jornal O Nordeste, 17 de agosto de 1932.

seu produto ligavam-se à defesa que estava sendo construída, podendo ser mais aceito pelo comércio local. A própria chamada da matéria sugere isso: “O ‘Itá-Irá’ foi para as linhas de frentes”. Destacam-se mais o produto e a guerra do que o ato voluntário de doação motivado por envolvimento político.

Ainda nesse entusiasmo de participação política, a intensa campanha jornalística ligada à guerra parece ter motivado alunas e professoras da cidade:

Attendendo ao apello da “Legião 5 de Julho”, do Rio, à mulher nordestina, afim de prestar conforto aos soldados legalistas, a “Liga Bondade”, formada das alumnas do 3.º anno A e 3.º anno B, do Grupo Norte da Cidade, angariou donativos nesse sentido, sobressaindo-se as inteligentes pequenas Simone Fontenelle, Nair Gomes, Aila Nogueira e Eunice Britto. A importancia angariada, 180\$000, foi entregue a esta redacção por distincta commissão de professoras daquelle Grupo, e será enviada ao sr. commandante das forças provisórias, que seguirão nestes poucos dias para o sul.¹⁷

A conquista desses recursos para os soldados foi iniciativa de um pequeno grupo colegial, que sensibilizou-se diante dos constantes apelos envolvendo a participação e mobilização na guerra, oriundos dos diversos grupos políticos, locais ou não, que estavam ligados à defesa do Governo Provisório. É o caso da Legião Cívica 5 Julho, que aparece diversas vezes na imprensa cearense como sendo uma organização ligada às forças federais que auxiliavam às tropas.¹⁸ Outro aspecto interessante é que o dinheiro conseguido foi entregue à redação do periódico e não diretamente ao Exército ou à Interventoria, mostrando que diversas pessoas na cidade entendiam que havia uma íntima ligação entre a imprensa cearense e a formação dos batalhões.

Também com o intuito de ajudar os batalhões financeiramente, outras manifestações aconteceram:

Amanhã, ás 8 horas, um grupo de senhorinhas da nossa sociedade percorrerá o commercio desta capital, num bando precatório de auxilio ao Soldado Cearense, que segue para o *front*. Essa iniciativa partiu da comissão promotora do ultimo festival que, com mesma finalidade, foi levado a effeito ha pouco no ‘José de Alencar’.¹⁹

Esse grupo de senhoras percorreu as ruas centrais da cidade buscando angariar

¹⁷ Jornal O Nordeste, 19 de setembro de 1932.

¹⁸ Vale registrar que era a essa Legião que deveriam ser enviadas as correspondências aos soldados em combate, destinando-as a Rua Rodrigo Silva, 8 – Rio de Janeiro.

¹⁹ Jornal O Nordeste, 15 de setembro de 1932.

fundos, em uma tentativa de atrair os comerciantes e cidadãos para participarem da luta, contribuindo de diversas formas. Além disso, essa não era a primeira iniciativa deste movimentado grupo. Na casa de espetáculos mais tradicional do Estado, realizaram-se festivais para aproximar cada vez mais a cidade das tropas, já que era no referido teatro que a maioria das tropas voluntárias estava aquartelada. “A noitada de ontem no Teatro oficial”, que aconteceu cerca de quinze dias antes da comitiva no comércio local, foi assim noticiada:

Como estava anunciado, efetuou se ontem, no “Teatro José de Alencar”, com seleta assistencia, da qual se destacavam o exmo. sr. capitão Carneiro de Mendonça, interventor federal, e altas autoridades, o festival promovido por um grupo de gentis senhorinhas, em pról dos bravos soldados cearenses que se encontram no ‘front’, e dedicado ao chefe do estado. O programa organizado foi fielmente interpretado, tendo agradado geralmente.²⁰

O jornal noticiou o agrado geral dos espectadores e a presença de autoridades estaduais, tendo o Interventor como a figura a quem foi dedicada o evento, o que sugere a ligação com à Inteventoria. No segundo festival, que aconteceu no mesmo local e foi promovido pelo mesmo grupo, houve uma cobertura maior. Na prestação de contas publicada, é possível perceber com mais detalhes como eles aconteciam, a partir dos custos envolvidos:

Avulsos de propaganda, entradas e programmas.....	50\$000
Afinação e transporte de piano.....	55\$000
Automoveis que fizeram o transporte da commissão.....	170\$000
Orquestra Silva Novo.....	24\$000
Serviço prestado pelo carro 44, para o transporte das irmãs Gasparinas.....	5\$000
Despesas com o Dr. Leonardo Mota.....	14\$000
Transporte de caminhão com palmeiras para o teatro.....	15\$000
Carretos diversos e gratificações aos empregados do teatro.....	25\$000
Impressão do himno patriotico.....	10\$000 ²¹

É possível imaginar que o Teatro José de Alencar estava significativamente ornamentado para a festa, com ativa participação de funcionários da própria casa, tendo uma ampla divulgação da propaganda do evento pela cidade, convidando a população a participar desse ato. Aliados com a beleza do local, outros equipamentos eram necessários para atrair o público, como sugere o aluguel do piano e da orquestra. Além das músicas, o espetáculo foi composto com a participação de Leonardo Mota, conhecido poeta, escritor, artista e folclorista de grande influência nos meios jornalísticos e políticos cearenses e também com a presença das irmãs Gasparinas, possivelmente outra atração artística, já que

²⁰ Jornal O Povo, 25 de agosto de 1932.

²¹ Jornal O Nordeste, 27 de setembro de 1932.

foi a própria organização que pagou o transporte de ambas, algo que dificilmente aconteceria com um espectador comum. Entretanto, não se poderia esquecer que a festa era um ato político em prol dos batalhões cearenses, o que justificava a impressão do Hino Patriótico, que sem dúvidas remetia à defesa da nação diante a guerra, e que provavelmente foi proclamado pelo público presente no evento.

Esse espetáculo rendeu 625\$000 e, tirando os custos citados, lucrou 257\$000, sendo toda renda entregue aos batalhões. Maria Amélia Caminha, no dia seguinte, escreve ao jornal comentando o espetáculo. Assinando como “humilde e insignificante presidente da Comissão Angariadora de Donativos em prol dos bravos e valorosos soldados cearenses”, ela relatou que:

Venho por intermedio dessas desvaliosas linhas pedir vos dar publicidade no vosso vibrante e conceituado jornal o resultado dos festival por mim organizado (...) e bem assim inserir á medida que for podendo os nomes constantes das inclusas listas das pessoas generosas que se dignaram de concorrer com obulos para aquelles valentes e ousados irmãos combatentes. Aproveito a oportunidade para agradecer do intimo d’almas as queridas e dedicadas auxiliares senhorinhas – Icléa de Sá Roriz, Maria Kilda Cavalcante, Thais Malmann e bem assim as distintas comissões dos collegios – Militar, Cearense e S. Luis – á sua coadjuvação esforçada auxiliando me na ardua incumbencia que tomei a hombros. Dando hoje por terminada nossa nobre e patriotica missão por ter de seguir brevemente, em companhia do extremoso irmãozinho Levy, para o campo da luta em defesa da causa nacional, sirvo me ainda do ensejo para apresentar a todos os filhos desta heroica e gloriosa terra, que tanto amo, as minhas saudosas despedidas.²²

Na sua missiva, Maria Amélia pediu que o jornal destacasse o festival por ela organizado e, da mesma forma, as várias pessoas que contribuíram na campanha com donativos para os soldados. É possível perceber detalhes da organização, como o auxílio de amigas e pessoas ligadas a três colégios da cidade, revelando que a coordenação não era isolada, fazendo crer que as notícias envolvendo as organizações locais referentes à guerra espalhavam-se pelo Ceará. Por último, informou que não é possível mais trabalhar nessas atividades, pois partirá em breve para o campo de batalhas, juntamente com seu irmão Levy. As várias ações mobilizantes que ocorreram em Fortaleza não foram exclusivamente atos da Interventoria. Diversos apoiadores do Governo Provisório no Ceará entenderam a importância do momento político e partiram para a luta, mesmo ficando na cidade, como é o caso de Maria Amélia. Logo nos primeiros dias de guerra, ela enviou um telegrama à Interventoria afirmando que:

Idealista ardorosa e sincera, acostumada a render homenagens aos grandes e incansaveis batalhadores da nossa liberdade política, queira v.

²² Jornal O Nordeste, 28 de setembro de 1932.

excia. aceitar em meu nome e no do meu irmão Leví (soldado da revolução de 24 e 30), os nossos desvaliosos serviços qualquer hora do dia ou da noite neste Estado, ou mesmo em S. Paulo, o que faremos com maximo ardor e verdadeiro entusiasmo em defesa querida e estremecida Patria. Aguardo vossas honrosas ordens apresento a v. excia. as minhas respeitosas saudações. (...) Maria Amélia Caminha, estudante²³

A estudante era irmã de um tenentista que participou de movimentos políticos significativos na trajetória dessa corrente, o que deve ter influenciado-a, pois desde o início da Guerra de 1932 ela parece estar interessada na luta e, mais do que isso, cogita a possibilidade de participar das batalhas no *front*, algo que parece ter se concretizado, como foi visto em sua carta noticiando o último festival. Antes da possível partida, a militante organizou várias ações em Fortaleza que visavam ajudar os batalhões provisórios, e para isso era fundamental mobilizar a população em torno da guerra. Essas iniciativas, por mais que fossem particulares, não aconteciam descoladas do interesse governamental, estando elas também em diálogo com as ações da Interventoria, tendo inclusive a participação do Interventor em muitos desses momentos. Assim, a mobilização que envolveu Fortaleza durante a guerra não pode ser entendida sem a participação de diversos agentes e setores sociais que estavam diretamente envolvidos no conflito, mesmo sem partir para o campo bélico.

Entretanto, não só comícios políticos que aglomeravam a população na via pública e em locais importantes da cidade modificavam a paisagem urbana e o cotidiano da cidade. O comércio local também sofreu alterações durante a guerra. Um leitor, pouco mais de dez dias depois do início da guerra, já percebia mudanças:

A situação em que nos achamos é deveras horripilante. Quando houve a greve do pessoal da “Light” o primeiro que se verificou foi o aumento nos preços dos cereaes. Agora, com esse movimento subversivo de S. Paulo, estão se passando as mesmas scenas. Emquanto os paulistas estão em revolução nos é que estamos sendo os prejudicados (...). Os donos de armazens da nossa praça que se acham com seus “stocks” cheios, agora, já vão se aproveitando da occasião. Estão subindo os preços dos generos de primeira necessidade, como sejam: o feijão, a farinha, o arroz, a carne do sul, etc. Como se fosse mercadoria chegada agora. Pode se dizer que a “fuzarca” legalista no sul começou hontem. Mas, em tão pouco tempo, já está nos attingindo de perto. De perto porque de effeito da rebellião sulista, foi que elevaram o preço da mercadoria aqui. (...) A mercadoria que até sabbado se comprava por um preço, hoje, já se compra com accrescimento de \$200 ou \$300 por kilo.²⁴

²³ Jornal O Povo, 25 de julho de 1932.

²⁴ Jornal O Nordeste, 20 de julho de 1932.

O leitor que escreveu a carta, endereçada ao redator do jornal, percebeu com sensibilidade o estratagema adotado pelos donos de armazéns para aumentar o preço de seus produtos. Assim como ocorreu na greve dos lighteanos, que agitou a cidade poucos meses antes²⁵, os preços dos gêneros básicos de alimentação vinham aumentando, mesmo tendo sido os estoques formados antes do início do conflito. Certamente, influenciados pelos constantes e enfáticos discursos sobre a guerra que tomavam conta de Fortaleza, os comerciantes acharam uma justificativa facilmente compreendida por parcela significativa da população para aumentar seus lucros: a luta armada prejudicava o comércio e, sendo assim, os produtos se encareciam. A guerra estava presente, mas a rapidez com que os preços aumentaram levantou a suspeita do leitor, que no final de sua missiva adverte que “é bom que as autoridades verifiquem tais ocorrências”. De fato, o conflito aumentou o custo de vida da cidade, com o passar dos dias e a continuidade da guerra: “Segundo nos consta, os stocks da praça estão bastante reduzidos, sem que o mercado possa ser abastecido efficientemente, em face das circunstancias anormais das praças exportadoras do sul do país”. Essa impossibilidade de repor as mercadorias assustava, pois “nessas condições, a situação se tornará insustentável, não apenas para a pobreza, que de há muito vem sofrendo privações inenarráveis, mas para a colectividade em geral”.²⁶

Outros comerciantes da cidade também entenderam que a guerra poderia ser uma forte aliada para favorecer seus negócios. As Lojas Brasileiras veicularam, um mês depois do início do conflito, uma propaganda na imprensa local que dizia: “Revolução... no comercio de louças: - pratos, chicaras, tijelas, boiões, leiteiras, saleiros, canecas, mantegueiras, etc”.²⁷ Muito semelhante a essa, outra propagando anunciava “Revolução na Casa Maranhense – Assucar Branco Quilo \$800”.²⁸ Vale notar que a primeira palavra dos anúncios (“Revolução”) vinha em forte negrito e com letras maiúsculas. Sem dúvidas, leitores interessados nas agitações políticas e bélicas do país atentariam para tais chamadas. A mesma idéia tiveram os anunciantes do Café Brasil: “Alto!... Café? Só Brasil”.²⁹ Ao invés de uma palavra clara sobre o momento político, utilizaram agora um jargão referente a cessar marchas e artilharias de tropas militares, revelando o forte ambiente bélico e de preparação militar presente na cidade. Mais enfático e direto do que todos esses foi o Café Brasileira:

²⁵ Durante essa greve, “a subsistência da população da capital e, principalmente, dos sertanejos retirantes assolados por uma nova crise climática estavam ameaçadas frente à paralisação das atividades do porto. Argumentava-se, por exemplo, que os estoques ‘de gêneros na praça são pequenos, sendo o mercado freqüentemente reabastecido’ pelos navios ‘de fora do Estado por via marítima’, sendo, inclusive, pelo porto de Fortaleza que se abastece ‘todo o interior do Estado, servindo pela Estrada de Ferro de Baturité, não havendo recursos no sertão em vista da secca’. Assim, ‘o fechamento do porto’ causaria prejuízos ‘que não são fáceis de avaliar’ e o comercio varejista da capital já teria começado a ‘elevar os preços da farinha e de outros gêneros alimentícios’”. PARENTE, Eduardo Oliveira. Operários em movimento: a trajetória de luta dos trabalhadores da Ceará Light. (Fortaleza, 1917 – 1932). Dissertação de Mestrado. UFC, 2008. p. 183.

²⁶ Jornal O Nordeste, 09 de agosto de 1932.

²⁷ Jornal O Povo, 10 de agosto de 1932.

²⁸ Jornal O Povo, 11 de agosto de 1932.

²⁹ Jornal O Povo, 23 de setembro de 1932.

Contra São Paulo

Para combater S. Paulo temos o delicioso “Café Baturité”, que é o melhor do mundo. Muido a vista do freguez, na “Brasileira” – é o café de confiança, purissimo. Acabemos com o bairrismo paulista. O “Café Baturité” garante a supremacia do norte. Se não, dirija-se a “A Brasileira”³⁰

O título da propaganda já é taxativo: lutar contra São Paulo e seu bairrismo é também comprar os produtos locais, favorecendo a supremacia da região, diante do conturbado momento político o qual a nação atravessava. O estabelecimento chamava-se “A Brasileira”, talvez uma feliz coincidência com os constantes discursos patrióticos presentes na cidade, e o nome do café remetia à cidade cearense onde esse produto teve uma significativa produção a partir do final do século XIX. Era o momento de se opor a São Paulo e sua guerra, inclusive através da compra de produtos que eram contra o Estado beligerante, em especial o principal promotor de sua riqueza conquistada na Primeira República: o café. Como se percebe, os comerciantes fortalezenses procuram dialogar com a situação política do momento para conquistar mais consumidores e lucros, adotando medidas que relacionavam sua atividade com a luta a favor do Governo Provisório e pela paz da nação.

A mobilização, todavia, em Fortaleza atingia seu ponto mais alto nos embarques das tropas para o *front* de batalhas, pois nesses momentos, mais do que nunca, a Interventoria e os diversos apoiadores do Governo Provisório construíam um clima favorável à causa governista, fortalecendo mais ainda a relação entre os cidadãos e a guerra. A primeira das forças a partir foi o 1º escalão dessa unidade militar, momento emblemático para perceber toda a força de mobilização envolvendo os embarques.

Dois dias antes, os jornais já noticiavam a partida do escalão, publicando a data e a hora do evento, além dos nomes dos oficiais. No dia 1º de agosto, a Interventoria enviou aos jornais da cidade um convite oficial:

O sr. Interventor Federal convida as autoridade federaes, estaduaes e municipaes e ao povo, em geral, para assistirem, hoje, ás 11 horas, ao embarque do valoroso 23.º B.C., que, a bordo do “Paconé”, segue para a capital da Republica, onde se apresentará para cooperar na defesa do Governo Provisorio contra o impatriotico levante paulista, chefiado por máos brasileiros, cujo passado bem define a ambição de que estão possuidos. O sr. Interventor está certo de que as exmas. familias cearenses não faltarão com sua brilhante presença, cobrindo de flores os bravos que, no campo de luta, certamente saberão bater-se com denodo, mais elevando o glorioso nome do Estado do Ceará³¹.

³⁰ Jornal O Povo, 05 de agosto de 1932.

³¹ Jornal O Nordeste, 01 de agosto de 1932 e jornal O Povo, 01 de agosto de 1932.

Além de ter publicado a nota, um dos jornais foi além: “O POVO fez distribuir pelas ruas e bairros da cidade milhares de boletins transmitidos ao publico o entusiastico apêlo do sr. capitão Carneiro de Mendonça”.³² No convite, reafirmava-se a luta contra o inimigo impatriótico que promovia a guerra em busca de um retorno a um passado em que dominava o cenário político nacional, prejudicando o restante do país. Apesar disso, as forças cearenses iriam lutar a favor do novo governo em nome do Estado, merecendo assim todo o apoio. Não à toa, o convite foi geral, buscando congregiar a população e as entidades políticas locais. Entendendo a importância da participação da população no evento, um dos mais fortes aliados do Governo Provisório no Ceará, o jornal *O Povo* e seu fundador Demócrito Rocha, um dos jornalistas mais combativos ao modelo político da Primeira República no Ceará, distribuíram várias cópias do comunicado oficial por Fortaleza, buscando assegurar a maciça participação popular. Assim:

Desde cedinho o movimento na frente do quartel era intenso, avolumando-se de 9 horas em diante, quando o commercio cerrou as portas. Pela Avenida Alberto Nepomuceno, rua Pessoa Anta e Avenida Epitacio Pessoa, a multidão se estendia até a ponte metallica, onde estavam postados um pelotão do Collegio Cearense, o Tiro de Guerra da “Phenix Caixerai” e a banda de musica do Regimento Militar. Bondes, autos e “auto-omnibus” trafegavam repletos. Desde a partida do quartel, cerca de 11 horas, o batalhão, que marchava garbosamente, puxado pelas suas bandas de musica e de corneta, foi acompanhado de compacta massa popular, calculando-se, sem exagero, em 10.000 pessoas a assistirem ao desfile e embarque. No trajecto, agitavam-se lenços em adeuses e erguiam-se vivas entusiasticos, simultaneamente. Ao defrontar a estação telegraphica do porto, um grupo de senhorinhas atirou flores e pétalas sobre a tropa. E os soldados, animo forte e alevantado moral, seguiam, altivos para a defesa da ordem e da legalidade.³³

Ainda descrevendo o ambiente durante o desfile e o embarque:

Ao envez de rumar logo destino á ponte de embarque, o 23 B.C. (...) subiu pela rua Sena Madureira, passando em frente ao Palacio da Interventoria, onde se achava o cap. Carneiro de Mendonça, dobrou junto ao Parque da Independencia e, pela ruas S. Bernardo, Major Facundo e Praça do Ferreira desceu novamente para a Praia de Iracema, acompanhado de incomputavel multidão e sob aclamações das famílias que atiravam flores nos soldados. (...) Quando a tropa chegou ao Pavilhão Atlantico era quasi meio dia e seria impossivel ao menos calcular a extraordinaria concentração do povo que ali espera os nossos soldados, aclamando os com vivo

³² Jornal *O Povo*, 01 de agosto de 1932.

³³ Jornal *O Nordeste*, 01 de agosto de 1932.

entusiasmo.³⁴

No dia do embarque, sem dúvidas, a cidade era outra. Mais uma vez as atividades da Interventoria em relação à mobilização durante a guerra tomam a área central da urbe e alteram o cotidiano de seus cidadãos. Saindo do Quartel, ao som do Hino Nacional³⁵, optou-se em não ir direto ao local de embarque, passando as tropas por importantes ruas, desfilando juntamente com bandas de músicas e representantes estudantis, políticos e de trabalhadores. A paralisação da atividade comercial era um sinal de importância que a manifestação tinha: “um grupo de revolucionários civis, tendo a frente o coronel Francisco Pires de Holanda, percorreu o comércio concitando os estabelecimentos a fecharem o mais cedo possível a fim de prestar o maior brilhantismo às homenagens do povo aos nossos denodados soldados”.³⁶ Pela ação desse grupo, claramente se percebe o interesse dos apoiadores na participação da população, sendo assim fundamental que nenhuma outra atividade concorresse com o embarque, nem mesmo o comércio.

A estratégia de investir no convite à população parece ter surtido efeito, pois o trânsito de pessoas foi intenso: “Os bonde e omnibus despejavam, continuamente, à praça da Sé inúmeras famílias e os automóveis cruzavam se levando passageiros ansiosos de saudar a tropa”.³⁷ Dessa forma, destacou-se a quantidade de pessoas que estavam presentes no embarque, mesmo com os exageros da imprensa aliada. Esse expressivo número, sendo “10.000” ou uma “incomputável multidão”, mostra a força que a mobilização ligada à luta e defesa do Governo Provisório teve em Fortaleza. É importante perceber que, mais uma vez tendo em mente os “excessos jornalísticos” presentes nessas fontes, os participantes não estavam apenas assistindo ao espetáculo, mas manifestando-se intensamente durante todo o percurso, sugerindo que para muitos a luta contra o inimigo começava ainda no Ceará, exaltando os soldados.

Os outros embarques ocorreram com a mesma festa política e envolvimento. Na partida dos três primeiros batalhões provisórios, a cidade também foi tomada por convites oficiais, homenagens e distribuição de boletins por apoiadores. A Legião Cearense do Trabalho³⁸ (L.C.T.) promoveu uma manifestação pública para saudar os líderes militares do 1º Batalhão Provisório e alistados que faziam parte dos seus quadros. Assim, “cerca de 60

³⁴ Jornal O Povo, 01 de agosto de 1932.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ Fundada em 1931, a Legião Cearense do Trabalho foi uma organização de natureza corporativista, integralista e católica de aparelhamento e mobilização de trabalhadores que conseguiu grande notoriedade no campo político e operário do Ceará. Surgida antes da Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado, manteve-se em atuação até 1937, quando Getúlio Vargas decretou o Estado Novo, dissolvendo as entidades de representação de classe. Mais sobre a Legião Cearense do Trabalho em CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. A legião Cearense de Trabalho. In: SOUSA, Simone de (org.). Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

legionarios, todos uniformizados, em dois auto-omnibus”³⁹, visitaram Olímpio Falconière, Jeová Mota, Porfirio Lima Filho e Simphronio Ferreira Lima, expoentes dessa organização de trabalhadores que integraram-se às forças voluntárias, em suas casas, prestando-lhes homenagem pela brava atitude e importante ato patriótico. Na partida do 2º Batalhão Provisório, realizaram o mesmo ato com o tenente João Lima⁴⁰, também ligado à L.C.T.. Com isso, a prestigiosa organização de trabalhadores aliava-se aos batalhões e ao Governo Provisório, declarando publicamente seu envolvimento com a causa.

O clero cearense continuou ativo na mobilização durante as festividades do embarque, promovendo missas de comunhão coletiva das tropas. Em uma delas:

Monsenhor Tabosa celebrou missa em ação de graças na matriz do Patrocínio, pelos soldados que seguiram para o *front*, no 1º batalhão provisório que o Ceará para ali envia. (...) Ao evangelho monsenhor Tabosa dirigiu a sua palavra aos soldados, ressaltando a grandeza daquella acto de fé e patriotismo. Estiveram presentes á solennidade o major Ribeiro Montenegro, representante do snr. interventor federal, e demais autoridades. (...) Ajudaram o santo officio dois soldados gesto esse que demonstrou o espirito de fé do militar cearense.⁴¹

No dia dos embarques, como já era de se esperar, as rua centrais de Fortaleza foram tomadas pelo desfile das tropas. No dia 15 de agosto, o 1º Batalhão Provisório desfilou, e “em varios pontos da cidade, a massa esperava a passagem do Batalhão. Quando fez alto na praia, ficaram inteiramente congestionadas toda a avenida Atlantica desde o edificio da Alfandega até a ponte e as imediações”.⁴² Pouco menos de um mês, outros dois batalhões provisórios embarcaram, no dia 13 de setembro. A chegada do navio que transportaria as tropas, O “Paconé”, foi anunciada pela sirene do Majestic, importante cinema da cidade. Mesmo partindo juntas, as unidades realizaram desfiles distintos, ressaltando a importância que essa manifestação tinha para os aliados:

O 2º Batalhão Provisorio (...) foi o primeiro a se dirigir ao ponto de embarque, (...) puxado pela harmoniosa banda de musica do Colegio Militar do Ceará. (...) Sendo, durante todo o percurso, muito aclamado pela multidão que enchia as ruas. Cerca de uma hora depois, desfilava pelas ruas da cidade o 3º Batalhão Provisorio que, como a outra unidade, foi entusiasticamente ovacionado por milhares de pessoas.⁴³

Com as duas últimas tropas que partiram o ânimo não foi diferente. Quando do

³⁹ Jornal O Nordeste, 08 de agosto de 1932.

⁴⁰ Jornal O Nordeste, 10 de setembro de 1932.

⁴¹ Jornal O Nordeste, 16 de agosto de 1932.

⁴² Jornal O Povo, 16 de agosto de 1932.

⁴³ Jornal O Povo, 14 de setembro de 1932.

embarque do 2º escalão do 23º B.C., três dias depois dos dois batalhões, “o escalão percorreu diversas ruas, marchando garbosamente, sob applausos do povo”.⁴⁴ Além disso, no dia da partida dessa força, “um grupo de senhoras e senhorinhas filiadas à Igreja Evangelica de Fortaleza” distribuiu para os soldados uma oração que pedia proteção aos oficiais e praças.⁴⁵ A última força provisória, composta por 300 voluntários, partiu no dia 29 do mesmo mês, e também desfilou pela cidade, tendo o embarque sido prestigiado pelas autoridades políticas e população, sendo também marcado pela banda de música do Corpo de Segurança e por discurso de um dos voluntários.⁴⁶

A partir das diversas ações que aconteciam ligadas ao embarque das tropas para a guerra, é possível perceber o claro interesse dos articuladores da causa governista em unir a cidade com a força militar local para a defesa do governo. Mesmo sem partir para o campo de batalhas, a população deveria estar em constante estado de mobilização para a defesa do Governo Provisório, pois o inimigo poderia estar mais próximo do que se imaginava. Durante a partida das tropas, as várias manifestações deixavam claro aos inimigos a força que eles enfrentariam, solidificando todo o apoio que o governo de Getúlio Vargas tinha no Ceará.

Mesmo tendo nesses dias fortes agitações na cidade, a mobilização estava sendo construída cotidianamente, e a imprensa foi um dos principais agentes nesse processo. Em praticamente todos os dias, desde 10 de julho, a Guerra de 1932 foi o assunto de capa dos jornais locais. Manchetes como “A rebelião no Sul do país”, “A rebeldia paulista”, “As armas que se levantam contra a legalidade”, “Mais uma vitória das forças do General Valdomiro Lima”, “O General Gois Monteiro confirma a tomada do Tunel”, “A aviação e artilharia das tropas federais bombardeiam Cruzeiro”, “O maior combate da America do Sul”, “Continua a ofensiva na frente mineira”, “Novas conquistas das armas federais”, “De vitoria em vitoria, as colunas do General Rabelo ocupam sete cidades ao Norte de S. Paulo”, “A marcha vitoriosa das tropas da dictadura em territorio paulista” e muitas outras, sempre destacavam positivamente os efeitos das tropas do Governo Provisório sem fazer referência a qualquer derrota séria. Essas chamadas construía um quadro em que o moral das tropas era elevado, mostrando à população a força do governo e de suas tropas nos campos de batalha, sempre deixando evidente qual seria o lado vencedor.⁴⁷

É possível perceber, portanto, uma nova reconfiguração na imprensa cearense durante a guerra. Nos jornais, além da cobertura em relação aos batalhões e à política estatal, eram frequentes diversas notícias que mostravam as formações militares de outros Estados, as agitações políticas em todo o Brasil, a viagem das forças em direção ao *front*, a correspondência das tropas do campo de luta em São Paulo, o cotidiano bélico das batalhas,

⁴⁴ Jornal O Nordeste, 17 de setembro de 1932.

⁴⁵ Jornal O Povo, 19 de setembro de 1932.

⁴⁶ Jornal O Nordeste, 29 de setembro de 1932 e jornal O Povo, 29 de setembro de 1932.

⁴⁷ “Quanto à apresentação do jornal, cabe dizer ainda que a técnica e o conteúdo do título são muito importantes. Na feitura da manchete, os vocábulos são escolhidos cuidadosamente para deles se extrair o máximo de efeito. Ela é uma arma de persuasão muito eficaz”. CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 17.

as prisões e mortes dos soldados, as rendições dos inimigos e o avanço das forças federais, além da publicação dos boletins oficiais vindos diretamente do Palácio do Catete.

Muitas dessas informações que estavam na imprensa local eram produzidas em outros Estados – principalmente Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – e oriundas de jornais como a *Folha do Norte*, *O Jornal*, *Diário da Manhã*, *Estrella do Sul*, *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil*, *Estado do Pará*, *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *O Radical*, *Jornal da Manhã*, *A Noite e O Globo*. Em uma dessas matérias, intitulada “Como luta o soldado mineiro na zona do túnel” e estampada no jornal *Minas Geraes*, foi publicada uma carta que dizia:

É uma verdadeira epopéia o que estão fazendo. As trincheiras situadas a 1.800 metros de altura, sob uma temperatura siberiana, envoltas sempre num espesso nevoeiro, que impede a visão a cinco metros, pela manhã e pela tarde e que só se deixam aquecer um pouco do meio dia às 3, repousam num terreno encharcado e humido. De qualquer dellas avistam-se com clareza as trincheiras inimigas e, com auxilio de binoculo, vêem-se perfeitamente os paulistas a conversar lá dentro. (...) O abastecimento é feito de uma maneira difícilima, as costas dos pobres soldados, que sobem por verdadeiras paredes. Em muitos lugares foi necessario fazer escadinhas para que se pudesse galgar as rampas. O transporte dos feridos, mais difficil ainda, é feito nos braços dos companheiros, porque nem padiola trafêga nos ingremes e tortuosos trilhos, varados através de espessos tabocal, cheio de cipó. E, si os paulistas, inclementes como sempre, percebem rajadas sobre rajadas de metralhadoras, ainda mais dificultam o transporte.⁴⁸

O texto descrevia o cotidiano da luta e as dificuldades da região da batalha, o relevo acidentado e o frio, além da proximidade do inimigo e os constantes confrontos na linha de frente, aproximando cada vez mais a guerra da população cearense. Vale registrar que a carta era assinada pelo capitão-médico da Força Pública Mineira Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Dessa forma, a intensa campanha jornalística dos aliados do governo não pode ser vista como inocente e de pouca valia, pois, ao mesmo tempo em que a imprensa estampava em suas páginas o clima de guerra, ajudava a construí-lo no Ceará. A informação sobre a guerra e a ampla divulgação dos acontecimentos, quase sempre vitoriosos na imprensa aliada, tinham uma importante força política para mobilizar a população nesse momento de instabilidade.

Esses periódicos parecem ter conseguido dialogar bem com o ambiente de mobilização em Fortaleza.⁴⁹ O jornal *O Nordeste*, no dia 22 de agosto, publicou um mapa de

⁴⁸ Jornal *O Nordeste*, 13 de setembro de 1932.

⁴⁹ Os jornais que utilizo nesse artigo – *O Povo* e *O Nordeste* – eram os dois principais periódicos do

São Paulo em que aparecem os “limites, localidades, estradas de ferro, de rodagem, rios, zonas bloqueadas, etc, tudo circunstanciado além das legendas discriminativas das distancias, populações, posições, etc”. Dois dias depois, o mesmo jornal avisa aos seus leitores que “tendo-se esgotado nossa edição de 22 deste, e chegando-nos varios pedidos de exemplares da mesma, daqui e do interior, reproduziremos, amanhã, o cliché de S. Paulo, publicado naquela edição”.⁵⁰ Pelo que parece, o número de leitores interessados em informações mais precisas em relação à geografia da guerra superou as expectativas dos editores do jornal, sendo necessária uma nova publicação do mapa para atender à demanda. Uma semana depois, o jornal *O Povo* fez o mesmo tipo de publicação, sendo este “uma copia aproximada do que foi publicado recentemente pelo ‘O Cruzeiro’ e foi gravado em madeira pelo competente artista conterraneo Raimundo Paula Moreira”.⁵¹ O interesse na geografia do Estado beligerante abriu espaço também para o envolvimento comercial de alguns habitantes da cidade:

Tivemos hoje a visita do sr. Americo Laszlo identificado como jornalista e de nacionalidade hungara, o qual nos veio oferecer um exemplar do folheto e mapa de sua criação destinado a vulgarizar a situação geografica das localidades do Estado de S. Paulo. Trata se de uma engenhosa e util curiosidade cartografica que está sendo vendida ao preço de R\$ 3\$000 na Livraria Comercial.⁵²

Ainda no caso do *O Povo*, durante todo o conflito ocorreram quatro segundas edições, com uma quantidade menor de folhas, de seus números diários relacionados à guerra: a primeira, no dia 19 de julho, quando foi noticiada com pormenores uma batalha que envolveu grande número de tropas nas linhas de frente; a segunda, em 21 de setembro, sobre a prisão de Severino Sombra e a respeito de seu movimento contra o Governo Provisório⁵³; a terceira, no último dia deste mesmo mês, noticiando que o fim da guerra era

Ceará na época, por sua importância política e por sua circulação. O primeiro era ligado às forças tenentistas do estado enquanto o segundo era o porta-voz do clero católico cearense. Mesmo com posições divergentes, declararam apoio ao Governo Provisório, motivados pelas proximidades que construíram com o novo governo desde a campanha de 1930. Sobre isso ver: MONTENEGRO, João Alfredo de Souza e CAMPOS, Moreira. Demócrito Rocha – O poeta e o jornalista. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1989 e PINTO, José Aloísio Martins. Serventuários das trevas: os bolcheviques na imprensa católica (Fortaleza/CE, 1922 – 1932). Dissertação de Mestrado. UFC, 2005.

⁵⁰ Jornal *O Nordeste*, 24 de agosto de 1932.

⁵¹ Jornal *O Povo*, 29 de agosto de 1932.

⁵² Jornal *O Povo*, 29 de setembro de 1932.

⁵³ Severino Sombra, nos primeiros anos da década de 1930, era um respeitado líder político-sindical cearense e um dos articuladores da Legião Cearense do trabalho. Durante a Guerra de 1932, quando trabalhava no Ministério do Trabalho, veio a Fortaleza organizar um movimento contrário ao Governo Provisório, tendo tido grande repercussão na imprensa e no cenário político local. Ao término da guerra, foi exilado em Portugal juntamente com outros líderes do lado paulista.

eminente; e a última, no dia primeiro de outubro, comentando as condições para o armistício. Anos depois, estes meses foram assim lembrados por uma publicação oficial do mesmo jornal: “Claro que as tiragens de O POVO já eram grandes, as maiores da imprensa cearense. Mas os acontecimentos de São Paulo vieram dobrá-las”.⁵⁴

Todo esse papel cotidiano da imprensa em torno da mobilização para a guerra parece ter sido eficiente, fazendo com que os ideais de defesa do Governo Provisório circulassem em Fortaleza e no interior do Ceará. É plausível pensar que, a partir de suas páginas, a guerra era discutida na cidade tanto no que se refere ao Ceará como ao restante do país, pois seu envolvimento com a luta não se limitava às fronteiras locais. Em momentos de grande importância, era necessário aumentar a tiragem ou repetir alguma publicação especial, ficando claro que grande parte da população dialogava com as informações nela veiculadas, constituindo e consolidando o clima de guerra. Além do interesse político claro dos jornais, não se pode esquecer que ambos eram concorrentes e, paralelo ao conflito armado no sul do país, acontecia uma guerra local em busca de mais compradores e leitores de suas páginas. A Interventoria esteve colada nesse processo, conseguindo espaço para suas publicações e estratégias de mobilização, ratificando ainda mais o poder político dos periódicos nesse momento.

III

Estas ações de mobilização estavam presentes no cotidiano de Fortaleza devido à árdua atuação de grupos envolvidos com a Guerra de 1932 no Ceará, como a Interventoria, a Igreja Católica, a imprensa, o Exército e os cidadãos diversos que apoiavam o Governo Provisório. Neste processo, várias ações foram promovidas para conseguir mobilizar o maior número possível de pessoas em torno da causa governista, sendo possível acreditar que a maioria dos habitantes teve alguma ligação, mesmo que mínima, com a mobilização para o movimento e com as discussões políticas em torno dele.

Na partida de uma das tropas, um jornalista escreveu que “a cidade apresentava movimento incommum, vibrando de entusiasmo”⁵⁵, percebendo as transformações por que Fortaleza passava durante a despedida dos soldados. Sem dúvidas, o “entusiasmo” não era exclusividade da capital nem dos dias de embarque. Todo o Estado esteve envolvido com a formação dos batalhões provisórios cearenses, e a mobilização foi construída no decorrer da guerra, atraindo e seduzindo a população a participar do conflito de diversas formas. Não menos importantes do que de armas em punho.

⁵⁴ COSTA, José Raimundo. Memória de um Jornal. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1988. p. 35.

⁵⁵ Jornal O Nordeste, 14 de setembro de 1932.

Bibliografia

BORGES, Vavy Pacheco. *Memória Paulista*. Edusp, São Paulo, 1997.

_____. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____. *Os arautos do liberalismo – imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. *O Movimento de 1932 e a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CASTRO, Celso, IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV/Bom Texto, 2004.

CERRI, Luis Fernando. 1932 e as histórias oficiais. In: *Tempos Históricos/ Universidade Federal do Oeste do Paraná*, vol.2, nº1, 2000.

CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. A Legião Cearense de Trabalho. In: SOUSA, Simone de (org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

CAMPOS, Moreira. *Demócrito Rocha – O poeta e o jornalista*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1989.

COSTA, José Raimundo. *Memória de um Jornal*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1988.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

Cytrynowicz, Roney. *Guerra sem guerra: mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

De PAULA, Jeziel. *1932: Imagens construindo a história*. Campinas/ Piracicaba: Editora da Unicamp/ Editora Unimep, 1998.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Angela de Castro. *Regionalismo e Centralização política: partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

HILTON, Stanley. *A Guerra civil brasileira: história da Revolução Constitucionalista de 1932*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil na era Vargas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

LOPES, Raimundo Helio. *Os Batalhões Provisórios: legitimação, mobilização e alistamento para uma guerra nacional. (Ceará, 1932)*. Dissertação de Mestrado. UFC, 2009.

PINTO, José Aloísio Martins. *Serventuários das trevas: os bolcheviques na imprensa católica (Fortaleza/CE, 1922 – 1932)*. Dissertação de Mestrado. UFC, 2005.

PANDOLFI, Dulce. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Regionalismo e Centralização política: partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

PARENTE, Eduardo Oliveira. Operários em movimento: a trajetória de luta dos trabalhadores da Ceará Light. (Fortaleza, 1917 – 1932). Dissertação de Mestrado. UFC, 2008.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, Simone de. *Interventorias no Ceará: Política e Sociedade (1930 – 1935)*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1982.